Revista Científica Eletrônica de Psicologia Corporal

· 2001 · p. 6-9 · e-ISSN 3086-1438

O código energético sistêmico

Uma leitura do desenvolvimento humano

Systemic Energy Code

Jose Henrique Volpi (1)

(1) Centro Reichiano · Curitiba-PR · Brasil

Resumo

O texto apresenta os fundamentos do Código Energético Sistêmico, proposto por Genovino Ferri e G. Cimini, que compreende o ser humano como um sistema vivo em permanente interação com seu ambiente. A partir da tradição reichiana, aborda seis fases do desenvolvimento — duas intrauterinas e quatro extrauterinas —, considerando a relação entre experiências corporais, emocionais e vinculares na organização do caráter. Discute os conceitos de energia, campo relacional e fixações caracterológicas, destacando a importância da integração entre corpo, emoções e relações interpessoais. Trata-se de um modelo teórico da Psicologia Corporal, apresentado com contextualização histórica e distinção em relação aos conhecimentos neurocientíficos contemporâneos.

Palavras-chave: Código energético sistêmico. Energia Orgone. Genovino Ferri. Wilhelm Reich.

Abstract

This text presents the foundations of the Systemic Energy Code, proposed by Genovino Ferri and G. Cimini, which understands human beings as living systems in continuous interaction with their environment. Drawing on the Reichian tradition, it examines six developmental phases—two prenatal and four postnatal—considering the relationship between bodily, emotional, and relational experiences in the formation of character. It discusses the concepts of energy, relational fields, and characterological fixations, emphasizing the importance of integrating the body, emotions, and interpersonal relationships. This is a theoretical model within Body Psychotherapy, presented with historical contextualization and a clear distinction from contemporary neuroscientific knowledge.

Keywords: Systemic Energy Code. Orgone Energy. Genovino Ferri. Wilhelm Reich.

Apresentação

O Código Energético Sistêmico constitui uma proposta teórica de compreensão do desenvolvimento humano dentro da tradição reichiana e pós-reichiana. O modelo associa a história do indivíduo às suas relações com o ambiente, à experiência corporal e à construção de modos relativamente estáveis de sentir, reagir e estabelecer vínculos. Em

Ferri e Cimini, a pessoa é considerada parte de sistemas mais amplos de relações, e não um organismo isolado.

A palavra “energia”, nesse contexto, pertence à linguagem conceitual própria da abordagem. Não corresponde, sem demonstração específica, a uma grandeza física mensurável. Da mesma forma, as fases propostas são categorias clínicas e interpretativas, e não marcos universais capazes de predizer a personalidade de alguém.

Três referências teóricas

A tradição reichiana: investiga o caráter como um modo habitual de organização das defesas, incluindo expressão emocional, tônus, postura e relação com o outro. A observação corporal deve integrar a história clínica e não produzir diagnósticos pela aparência.

A perspectiva sistêmica: considera interdependência, mudanças ao longo do tempo e influência recíproca entre indivíduo e ambiente. A linguagem de sistemas oferece um enquadramento interpretativo, não prova diretamente a existência de campos energéticos orgônicos.

A neurofisiologia: o conhecido modelo do “cérebro triúnico”, de Paul MacLean, teve importância histórica e didática, mas não descreve adequadamente a organização integrada e evolutivamente complexa do cérebro à luz da neurociência contemporânea. Emoção, cognição e regulação corporal envolvem circuitos distribuídos.

As seis fases na formulação de Ferri e Cimini

1. Fase intrauterina autógena

Da fecundação à implantação embrionária. O texto original descreve metaforicamente o encontro inicial entre organismo em formação e ambiente materno. A linguagem sobre “quantum energético” deve ser lida como hipótese da escola, e não como medição de vitalidade embrionária.

2. Fase trofo-umbilical

Da implantação ao nascimento, com ênfase no intercâmbio materno-fetal. O desenvolvimento gestacional depende de processos biológicos complexos; não se pode inferir a formação futura do caráter apenas a partir de acontecimentos desse período.

3. Fase orolabial

Do nascimento ao surgimento dos primeiros dentes, no recorte proposto. Destacam-se alimentação, contato, cuidado, comunicação e vínculo com figuras cuidadoras. A qualidade das relações não se reduz à amamentação nem depende exclusivamente da mãe.

4. Fase muscular

Período de maior autonomia motora, mastigação, linguagem e controle esfincteriano. O esquema reúne experiências de exploração, limites e independência sem estabelecer correspondência obrigatória entre uma prática educativa e um tipo de caráter.

5. Primeira fase genito-ocular

Da emergência do interesse genital à puberdade, segundo o esquema original. Ferri articula sexualidade, consciência de si e referências psicanalíticas à dinâmica edípica. Essas formulações devem ser contextualizadas historicamente, sem tratar identidade ou orientação sexual como patologia.

6. Segunda fase genito-ocular

Da puberdade à maturidade. O modelo enfatiza a integração entre percepção de si, vida afetiva, sexualidade e relação com os outros. Não existe um percurso único e obrigatório de amadurecimento psicológico.

Implicações para o trabalho clínico

O valor didático da proposta está em convidar o terapeuta a examinar a relação entre história de vida, experiências corporais, afetos e padrões de vínculo. Essa investigação precisa ser contextualizada e formulada como hipótese clínica aberta à revisão, não como leitura determinista do corpo. Sinais somáticos isolados não permitem localizar traumas específicos, definir a origem de doenças ou estabelecer diagnósticos psiquiátricos.

Na prática contemporânea, qualquer intervenção corporal requer consentimento informado, avaliação individualizada, consideração de condições médicas e respeito aos limites do paciente. O trabalho psicoterapêutico não substitui avaliação e tratamento de outras áreas da saúde quando indicados.

Considerações finais

O Código Energético Sistêmico oferece uma linguagem histórica da psicoterapia corporal para pensar a pessoa em desenvolvimento e em relação. Sua leitura torna-se mais produtiva quando se preservam as perguntas clínicas que motivaram a proposta e, simultaneamente, se reconhecem os limites de sua validação científica. Assim, o modelo pode ser estudado como referencial teórico, sem confundir analogias energéticas com mecanismos fisiológicos demonstrados.

Referências

FERRI, Genovino. O código energético sistêmico: uma chave de leitura do homem como sistema vivente. Material compilado de aula do autor com Genovino Ferri, realizada na SOVESP, em São

Paulo, agosto de 2001.

Como citar este artigo

VOLPI, Jose Henrique. O código energético sistêmico. Revista Científica Eletrônica de Psicologia Corporal, Curitiba, p. 6-9, 2001. e-ISSN 3086-1438. Disponível em: https://centroreichiano.com.br/artigos/o-codigo-energetico-sistemico/. Acesso em: 13/10/2026.